

Análítica da Subjetividade: Configuração de Um Si

Felipe Martins Afonso¹

Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo

A análise institucional do discurso como analítica da subjetividade

Marlene Guirado. São Paulo: Annablume editora, 2010.

Talvez a melhor maneira de iniciar seja mesmo pelo título da obra: *A análise institucional do discurso como analítica da subjetividade*. Nele, a palavra *como* tem função de comparar dois termos, ou melhor, especificar um sentido para essa "Análise institucional do discurso", ela *pode* ser uma "analítica da subjetividade". Análises à parte, partamos a algumas definições, afinal, o que se entende por Análise Institucional do Discurso? Ou ainda, o que se entende por Analítica da Subjetividade? Que subjetividade é essa? Será a cara e conhecida pelos psicólogos, uma subjetividade de interiores? (E não à toa que tomamos essas, ao invés de outras, perguntas; elas perpassam todo esse livro de Guirado).

A análise institucional do discurso é, sobretudo, um método de análise. Não configura uma teoria, muito embora se sustente em determinados conceitos, principalmente o de discurso e o de instituição. E aqui, por necessidade conceitual e metodológica, a autora sublinha a tradição de pensamento que tinge com suas cores e seus matizes esses conceitos. São oriundos, indiretamente, das ideias de Michel Foucault, e, diretamente, de Dominique Maingueneau e de José Augusto Guilhon de Albuquerque, respectivamente. Iniciemos por esse último.

É curioso que, ao longo desse livro de Guirado (2010), encontremos inúmeros relatos, às vezes mais às vezes menos, pessoais de cenas e acontecimentos *concretos* (para utilizarmos o adjetivo caro à autora). O capítulo que abre esse livro (essa tese de livre-docência) se intitula *O Discurso Livre-docente – Contexto, Acaso, História* (2010, p. 27-36); ele é como um prelúdio, um exemplo, um resumo, *em ato* daquilo que teórica e concretamente é exposto

nas partes seguintes do livro. Guirado (2010), utilizando a primeira pessoa do singular e sem deixar de marcar a estranheza desse ato, diz:

Optei por fazer passar as elaborações teóricas pelo fio da experiência concreta na produção do conhecimento. Às vezes, me deixava invadir pela sensação de inadequação aos cânones dos procedimentos acadêmicos e científicos por conta dessa opção. Às vezes, me convencia de que seria a forma mais simples e acertada de dizer o que, de outra forma poderia se tornar um estudo correto, corretamente apresentado, sem mais. As aulas, tanto na graduação quanto na pós-graduação, me ensinaram que tem que se ter humildade para explicar as coisas difíceis que se sabe ou se julga saber. Nesses ambientes acadêmicos, o discurso da experiência concreta (a de pensar, que seja!) corre o risco de ser desvalorizado: ele não é citatório e não pode ser 'excitatório' (nem para o enunciador, nem para o co-enunciador). A pesar de tudo, ou por tudo, arrisquei mais uma vez: escrever com sujeito da ação de pensar em voz alta, com outros, numa relação que se fazia viva no ato mesmo de conhecer (p.28)

Duas coisas, pelo menos, podem ser ditas, uma delas é a maneira como Guirado, enquanto escreve, se coloca abertamente em duas posições: a de quem, enfim, escreve uma tese de livre-docência, e por isso argumenta, defende, esclarece, e a de quem ao escrever uma tese também escreve *sobre* a tese. Fato esse que, ao término da leitura do livro, podemos dizer *não aleatório*, pois, no limite, o esforço de (e do) pensamento da autora e toda sua propositura de uma *maneira* de fazer psicologia vetoram politicamente sua obra, afinal: o que se faz enquanto se faz e se diz fazer psicologia? Assim, sem perceber, escorregamos para o outro ponto (a outra coisa a ser dita), é que podemos perceber, já nesse trecho, as consequência de pensar, como faz e propõe a autora, com determinado conceito de instituição. Segundo ela, apoiada em Albuquerque, entende-se instituição como o "conjunto de relações sociais que se repetem e, nessa repetição, legitimam-se" (Albuquerque, citado por Guirado, 2010, p.45). Legitimação que acontece em ato, por meio dos efeitos de reconhecimento dessas próprias relações como naturais e por meio do desconhecimento de sua relatividade histórica e contextual (Guirado, 2010). A sensação de inadequação de Guirado, esse *apesar de tudo e por tudo* do final marcam justamente o descompasso que às vezes surge (ou é provocado) nos procedimentos já tão calejados (reconhecidos e desconhecidos) de certas práticas, no caso da

autora, a docência, as pesquisas, os escritos, etc., enfim, nesse *fazer* de psicóloga-professora-pesquisadora.

E, como quem puxa a linha solta de um tecido até a roupa voltar para o carretel, Guirado toma esse conceito de instituição e a partir dele desfia outros, que vão sendo apresentados e paulatinamente trabalhados ao longo do texto, para que, ao final, a peça seja (re)construída.

É assim que se faz seguir à instituição o discurso. A declarada filiação a Dominique Maingueneau, filósofo e linguista, aproxima a autora de uma linha de pensamento (ou um ramo de conhecimento) que, em linguística, se denomina *Pragmática*. Como o próprio Maingueneau caracteriza o (seu) *ser linguista* (*ser* como verbo) e, de quebra, uma certa pragmática: "Nesta obra de M. Guirado, porém, não é o lingüista do sistema da *língua* que está implicado: é o lingüista do *discurso*, da ação que se exerce através da língua em situações definidas institucionalmente" (Grifo do autor, Maingueneau *in* Guirado, 2010, p.17, sic). Nesse trecho, e ao longo de toda a obra de Guirado, o que se encontra é um discurso definido como ato, instituição, dispositivo, "que define para um determinado momento histórico e para uma região geográfica, as regras da enunciação. Nele e por ele, como dissemos acima, o jogo de forças poder/resistência se exerce e a produção de um saber ou verdade se faz concreta", como diz Guirado (2010, p.46) baseada em Foucault (1990;1997).

Escorregamos, mais uma vez, desavisadamente para Michel Foucault; vínhamos falando de instituição com Albuquerque, de discurso com Maingueneau e, de repente, uma citação que tem suas bases em Foucault. E isso por que é, sobretudo, por e a partir de Foucault que a Análise Institucional do Discurso (lembrando, no entanto, que, antes, a Pragmática) ganha seu peso e seus traços característicos. Os três termos desse nome são caros e frequentes na obra desse autor (análise, instituição, discurso), só para ficarmos com os aspectos mais imediatos dessa filiação, mesmo por que, deve-se marcar, são trabalhos que guardam suas especificidades. Guirado, como não poderia deixar de ser, dedica um capítulo ao comentário e à apresentação *interessados* do trabalho e de parte da vida desse autor.

Contudo, mais do que uma apresentação pontual de Foucault, o livro de Guirado é *impregnado* desse autor, ainda que nem sempre se fale ou o cite. Mais exatamente, Foucault comparece como estratégia de pensamento, mais do que como conteúdo do pensamento

(Guirado, 2010). Segundo a autora, é como se Michel Foucault, no capítulo *método* de *A história da sexualidade-vol.1* (1990, p. 88-97), houvesse organizado um método de análise sobre e a partir de determinado conceito de poder, ou melhor, de relações de poder. Foucault inicia esse texto da seguinte maneira: "Portanto: analisar a formação de um certo tipo de saber sobre o sexo, não em termos de repressão ou de lei, mas em termos de poder" (Foucault, 1990, p.88). Assim iniciado o capítulo, Foucault parte à definição de *poder*. *Grosso modo*, o que esse autor propõe é que poder seja entendido como ação, como exercício, como relação entre pares. Não se pensaria algo como "O poder", soberano e *em si*, mas o poder como algo que se exerce, ou melhor, como *exercício*, para retomarmos uma fórmula foucaultiana: é a ação de um sobre a ação do outro (Foucault, 1995). No texto *Sujeito e Poder* de Foucault (1995), mais algumas considerações:

Se provisoriamente atribuo um certo privilégio à questão do 'como' [se exerce o poder] não é que eu deseje eliminar a questão do quê e do porquê. É para colocá-las de outro modo; ou melhor: para saber se é legítimo imaginar um 'poder' que reúne um quê, um porquê, e um como. *Grosso modo*, eu diria que começar a análise pelo 'como' é introduzir a suspeita de que o 'poder' não existe; é perguntar-se, em todo caso, a que conteúdos significativos podemos visar quando usamos este termo majestoso, globalizantes e substantificador; (p.240)

É como se o trabalho de Guirado fosse herdeiro do pensamento de Foucault sobretudo por essa via, a da suspeita. Suspeita introduzida por essa maneira de pensar, que é quase como uma questão constante, enfim: o que é possível produzir, quando se parte deste determinado campo conceitual? Que, no limite, é pressuposto; afinal, questionar 'como', é introduzir essa suspeita. Foucault, portanto, como estratégia de pensamento, como maneira de pensar, e pensar analiticamente, nesse caso.

Destacamos, até agora, a forma do texto de Guirado, e associamos a isso certa filiação a Foucault. Contudo, ainda por outros meios pode-se marcar essa herança, por exemplo, a temática tão cara a esse autor da relação entre Verdade e Poder:

Por hipótese, bem como pelo que se tem constatado em diversas pesquisas desenvolvidas a partir do recorte da análise institucional do discurso, tanto a psicologia sacramentada pelo cânones da ciência, quanto aquela diretamente tecida no exercício profissional e de ensino, têm seus saberes produzidos em meio a relações de poder e jogos de

verdade. E é isso que define seu âmbito e suas fronteiras com outras áreas do conhecimento, tal como sabemos hoje, multifacetadas, com seu objeto ora apontado para o comportamento, ora para a vida psíquica, ora para a capacidade de conhecer e se relacionar com o mundo, ora para a sexualidade, ora para o inconsciente e assim por diante. Cada um desses discursos exigiu, para se constituir, a inserção dos profissionais em práticas mais ou menos estruturadas, mas certamente, sempre o suficientemente endossada por estar no campo do verdadeiro e, produzindo verdades. (Guirado, 2010,p.83, sic)

O objetivo, ou a meta, do trabalho de Foucault, como ele próprio disse (1995), era estudar o sujeito. Guirado, se pretendesse o mesmo, e a partir dos mesmos método e conceitos, não teria escrito este livro que ora resenhamos. Guirado, com seu trabalho, pretende estudar (um)a subjetividade; pretende uma *analítica da subjetividade*. Contudo, há de, para isso, abandonar, não propriamente abandonando; há de trair, não propriamente traíndo; há de subverter, de algum modo, esse(s) que serve(m) de base e inspiração.

Assim, teoricamente, o conceito que permite a Guirado falar de subjetividade falando (interessadamente, a bem saber), ao mesmo tempo, de *instituição, discurso e poder* é o conceito de *detransferência* em psicanálise. No entanto, é necessário trabalho e muitos vai-e-vem para que se possa articular esses conceitos em algo como uma *Análise Institucional do Discurso*. E é esse e nesse esforço que (se) constitui este livro.

O texto *Observações sobre o amor transferencial*, segundo Guirado, "traz a transferência pensada como uma espécie de recordação" (2010, p.150), que o paciente *atua* na relação com o médico. Não acompanharemos, aqui, o passo a passo de Guirado no trabalho com esse conceito, no entanto, indicamos que a autora aponta para a ideia de que uma *cena se reedita*. E, considerando o conceito de instituição que utiliza e da afirmação (conclusão) de que a clínica psicanalítica é também uma instituição, Guirado caracteriza a situação clínica como um *quadro pragmático*¹ que configura certa *cena enunciativa*, que especifica e é especificada por certo contexto discursivo e que é situação de um acerto entre os atores em cena. Nas palavras da autora (2010):

¹ Maingueneau falando de gênero de discurso: "cada enunciado se apresenta por meio de um quadro que permite apreendê-lo e, sobretudo, daí deriva-se um comportamento adequado a uma determinada situação" (Maingueneau in Guirado, 2000, p. 91)

O que fica da definição de Freud é a idéia de que uma *cena se reedita*. E é aqui que reconhecemos o que permite deslizar para a noção de instituição e de cena enunciativa, ou melhor, de cenografia. A *cena* diz da possibilidade de um acerto básico em que os parceiros se identificam e identificam o outro com uma certa estabilidade de posições. Como diz Dominique, ao colocar a cenografia como o nível mais imediato da relação de enunciação ou de gênero discursivo, os parceiros se tranquilizam quando se estabelecem expectativas de ação/reação por parte de um e de outro (p. 157)

É recompensador, para o leitor, se deparar com períodos como o citado acima depois de um considerável número de páginas lido. Nele, encontram-se articulados todos os elementos até então trabalhados pela autora, melhor dizendo, ele é a penúltima parada de um caminho que tem como destino a *analítica da subjetividade*.

Por tudo que se disse até agora, já é possível respondermos à pergunta inicial: Não, esta subjetividade não é uma subjetividade de interiores. Ela se configura nos cruzamentos entre História e Contexto, no Acaso pressuposto nas relações de poder (lembramos o título da introdução desse texto). A metáfora é a do *sujeito-dobradora*, um operador conceitual que permite dizer de um sujeito psíquico por que institucional, ou ainda, matriciado em relações institucionais (Guirado, 2010).

Com o movimento que as metáforas nos permitem, podemos dizer que o sujeito das práticas psicológicas é esse singularmente constituído nas relações que faz, nos diferentes contextos que, por sua vez fazem sua história desde o berço das (e nas) relações com as figuras que se lhe apresentam como significativas, até estas que, nas diferentes situações exemplares aqui retratadas, procuramos configurar (Guirado, 2010, p. 52-53)

Ainda, e com ar de encerramento, esse operador conceitual "enuncia simultaneamente as condições de produção do discurso e os efeitos de subjetivação e, com isso, viabiliza uma analítica da subjetividade. Cria-se com ele a condição e a possibilidade de escuta de um falar de si" (Guirado, 2010, p.139).

Curiosamente, o texto de Guirado, talvez não muito desavisadamente, reúne, em forma e conteúdo, uma fala e um fazer que dizem/mostram, também, de um *si*. Um sujeito-psicólogo, docente, analista institucional do discurso, pesquisador, e tantos outros, que uma leitura atenta talvez permita ao leitor configurar. Para além (ou aquém), é claro, de todo o

material, fruto de anos de trabalho e pensamento, que se reúne sob o título de *Análise Institucional do Discurso*.

Referências

FOUCAULT, M. (1997) *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Ed. Forense.

FOUCAULT, M. (1990) *História da sexualidade I: vontade de saber*. (10. ed.) Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, M. (1995) *O Sujeito e o Poder*. In: Dreyfus, H. e Rabinow, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 231-249.

GUIRADO, M. (2010) *A análise institucional do discurso como analítica da subjetividade*. (1 ed.) São Paulo: Annablume editora.

GUIRADO, M. (2000) *A clínica psicanalítica na sombra do discurso*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

ⁱ Endereço para correspondência:
Rua Pedro de Brito, 260, Cangaíba. CEP: 03721-035.
e-mail: fe_austin@hotmail.com
tel: (11)7133-2425